

# Banco de Boston tem 19 projetos

por Yves Léon Winandy  
de Belo Horizonte

O Banco de Boston, em conjunto com sua corretora Sodril, está analisando a possibilidade de vir a intermediar operações de conversão da dívida externa brasileira, via leilão, no valor total de cerca de US\$ 150 milhões. São, ao todo, entre dezenas e dezenove projetos de grande e médio porte, alguns dos quais dependem de uma redução na atual taxa de deságio alcançada nos leilões para virarem a se concretizar.

"Muitos projetos só devem viabilizar-se com um deságio menor que o até hoje registrado", informou ontem, em Belo Horizonte, Henrique de Campos Meirelles, presidente do grupo Banco de Boston, no Brasil, e sénior vice-presidente do Bank of Boston Corp., dos EUA. De acordo com ele, o nível de deságio ideal, para esses projetos, seria algo em torno de 8 a 9% do valor comprometido, ao invés da faixa de 30 a 13% para áreas livres, já registrada nos quatro primeiros leilões da dívida realizados no Brasil.

Meirelles, pessoalmente, é partidário da tese de que as taxas de deságio até agora contabilizadas, nos leilões da dívida, ainda são muito superiores ao nível registrado internacionalmente, em países que, co-

mo o Chile, também adotaram esse sistema. "Apenas, os projetos de alta rentabilidade é que têm condições de absorver um deságio tão alto (como no Brasil). Não há dúvida de que isso atraí muitos grandes investidores", afirmou.

Para permitir que projetos de menor rentabilidade também venham a se beneficiar dos leilões de conversão da dívida, ele sugere o aumento do valor-límite a ser convertido em cada leilão, atualmente fixado em US\$ 150 milhões. "Um limite entre US\$ 250 milhões e US\$ 300 milhões seria bom", avaliou, considerando que, com isso, os deságios tenderiam a baixar. "Atualmente, a tendência é de o deságio ainda ficar um pouco alto, pois o volume (de conversões possíveis) ainda está um pouco representado", comentou.

Em sua carteira de projetos em análise, o Banco de Boston possui quatro projetos que, somados, absorveriam US\$ 100 milhões dos US\$ 150 milhões em investimentos totais em estudo. Os US\$ 50 milhões restantes estão divididos entre doze a quinze projetos de menor porte, que Meirelles também preferiu não especificar.

"Há algo para a área da exportação — ainda não regulamentada pelo governo. E muitos projetos ligados a

atividades industriais já existentes, em setores como o têxtil, de bens de consumo, petroquímica, química, química fina e autopeças", acrescentou. Nos quatro leilões da dívida até agora realizados, no País, a corretora do grupo intermediou operações no valor total de US\$ 20,9 milhões (só para a área livre), a serem divididos por seis projetos específicos.

Esses US\$ 20,9 milhões, esclareceu, representam, em sua totalidade, créditos que o Banco de Boston tinha de receber, do Brasil, e que optou por transformar em capital de risco. "Hoje em dia", disse o presidente da subsidiária brasileira, "o grupo ainda deve ter cerca de US\$ 300 milhões em empréstimos a receber do País."

Em princípio, informou, o Banco de Boston deverá aderir formalmente ao acordo recentemente alcançado, pelo Brasil, com seu comitê de bancos credores, para equacionar a dívida externa. "É questão de os advogados lerem o acordo, analisarem, verem as opções que ele oferece. Até o fim deste mês (julho) tudo deverá estar completado", avaliou.

No primeiro semestre deste ano, o Banco de Boston (subsidiária brasileira) apresentou um lucro líquido "bom", inferior aos US\$

## A CONVERSÃO DA DÍVIDA NOS LEILÕES (Em US\$ milhões)

Corretoras	Total comprometido*	Áreas incentivadoras
FNC (Citibank)	108,6	46,6
Guilder (NMB Bank)	85,7	36,8
Multiplic (Lloyds)	76,4	43,4
Bozano, Simonsen	30,8	29,7
Tendência (Evadin)	26,3	—
Sodril (Boston)	20,9	26,3

\* Valor comprometido já deduzido o deságio

Fonte: NMB Bank e Centro de Informações da Gazeta Mercantil

18,5 milhões contabilizados em igual período de 1987, mas superior ao lucro registrado nos primeiros semestres de 1985 (US\$ 2,4 milhões) e 1986 (US\$ 2,1 milhões). "Devemos fechar o balanço hoje à noite (ontem)", disse Meirelles, justificando, assim, a não-divulgação, ainda, do resultado.

A instituição que preside, informou, tem sentido, por parte do empresariado, uma demanda "muito grande" por recursos que financiem a importação de equipamentos. "Só no nosso banco poderíamos colocar US\$ 100 milhões, no prazo de seis meses, em operações de financiamento à importação", esclareceu.